



Publicado em 07 de setembro de 2023  
REVISTA SOCIEDADE CIENTÍFICA, VOLUME 6, NÚMERO 1, ANO 2023

## COLONIALIDADE DO PODER E SUAS INTERSUBJETIVIDADES NO CAMPO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

*Maria de Jesus Rodrigues Duarte<sup>1</sup>; Enayde Fernandes Silva Dias<sup>2</sup>; Milena Viana  
Medeiros Barbosa do Nascimento<sup>3</sup>; Patrícia da Conceição Lima Torres<sup>4</sup>*

<sup>1,2,3,4</sup>Universidade Federal do Piauí, Teresina/PI, Brasil

[mariajesus34533@gmail.com](mailto:mariajesus34533@gmail.com)

[enayde94@gmail.com](mailto:enayde94@gmail.com)

[milem.15@hotmail.com](mailto:milem.15@hotmail.com)

[patriciacacto@gmail.com](mailto:patriciacacto@gmail.com)

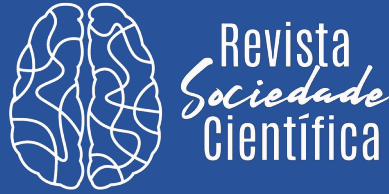
### RESUMO

Diante da crescente importância de descolonizar o pensamento reprodutor subalterno, que toma como referência o padrão eurocêntrico de produção do conhecimento, buscou-se neste trabalho compreender como os conceitos de classificação social e de teoria dos campos, utilizados por Aníbal Quijano<sup>1,2</sup> e Pierre Bourdieu<sup>3,4</sup>, respectivamente, propõem reflexões que possibilitem apreender a lógica de dominação eurocêntrica refletida na produção de conhecimento do campo acadêmico. De abordagem qualitativa, busca, a partir de uma leitura cuidadosa de produção bibliográfica, uma reflexão acerca do eurocentrismo e os seus padrões dominantes. Na construção do texto é clara a percepção de como as posições de poder derivadas da subalternização imposta pela cultura eurocêntrica é dominante na produção do conhecimento.

**Palavras-chave:** Classificação social, Teoria dos campos, Produção de conhecimento.

### RÉSUMÉ

Face à l'importance croissante de la décolonisation de la pensée reproductrice subalterne, qui prend comme référence le modèle eurocentrique de production de



Publicado em 07 de setembro de 2023  
REVISTA SOCIEDADE CIENTÍFICA, VOLUME 6, NÚMERO 1, ANO 2023

connaissances, ce travail a cherché à comprendre comment les concepts de classification sociale et de théorie des champs, utilisés par Aníbal Quijano<sup>1,2</sup> et Pierre Bourdieu<sup>3,4</sup>, respectivement, proposent des réflexions permettant de saisir la logique de domination eurocentrique reflétée dans la production de connaissances dans le champ académique. Avec une approche qualitative, il cherche, à partir d'une lecture attentive de la production bibliographique, une réflexion sur l'eurocentrisme et ses schémas dominants. Dans la construction du texte, la perception de la manière dont les positions de pouvoir dérivées de la subordination imposée par la culture eurocentrique sont dominantes dans la production de connaissances est claire .

**Mots clés** : Classement social. Théorie des champs. Production de connaissances.

## 1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho, intenta-se uma reflexão acerca das variadas vertentes do eurocentrismo e os seus infindáveis tentáculos ainda tão presentes no cotidiano dos indivíduos, influenciando e moldando o modo de ser, pensar e agir da sociedade subalternizada pelos resquícios do processo colonizador numa articulação com a produção de conhecimento ainda tão referenciada pelos padrões eurocêtricos e/ou ocidentais.

Buscou-se em Quijano<sup>1</sup> e Boakari<sup>5</sup> o apoio para compreender como as influências do período colonial, principalmente na produção do conhecimento, ainda permanecem entranhados nos hábitos e nos costumes dos povos dos países colonizados, mesmo após sua independência dos países europeus, e, numa interface com Bourdieu<sup>3,4</sup> evidenciar que a constituição dos diversos campos, como espaços de luta pelo poder nessa produção, ainda são subalternos ao eurocentrismo.

A colonização, além de explorar e se apropriar dos meios econômicos e materiais dos povos colonizados, ainda buscou invisibilizar as culturas desses povos, subjugando e apagando todos os vestígios de seus costumes, linguagem, roupas, tradições e rituais. Para Quijano<sup>2</sup> houve uma incorporação de "todas as experiências,



histórias, recursos e produtos culturais” oriundas da diversidade à um único mundo dominado pela Europa. Segundo o autor, “em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento”<sup>2 p. 121</sup>.

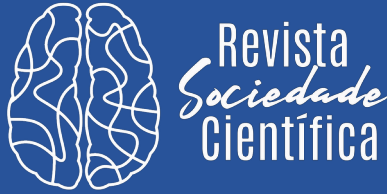
Boakari<sup>5</sup> pontua que para grande maioria das pessoas, o conhecimento só é válido e considerado relevante se for definido como científico, e os critérios adotados para fazer tal julgamento são baseados na cultura ocidental/eurocêntrica, desprezando os demais conhecimentos produzidos culturalmente por grupos não-europeus.

Partindo dessas perspectivas, o presente texto tem como objetivo compreender como os conceitos de classificação social e de teoria dos campos, utilizados por Aníbal Quijano<sup>1,2</sup> e Pierre Bourdieu<sup>3,4</sup>, respectivamente, propõem reflexões que possibilitem apreender a lógica de dominação eurocêntrica refletida na produção de conhecimento do campo acadêmico.

## 2 METODOLOGIA

O presente estudo, de abordagem eminentemente qualitativa, busca, a partir de uma leitura cuidadosa de produção bibliográfica, uma reflexão acerca do eurocentrismo e os seus padrões entranhados na sociedade ainda subalternizada pelo processo colonizador das classes dominantes. Para Gil<sup>6, p.50</sup>, a pesquisa que utiliza o delineamento bibliográfico “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

No que concerne ao tratamento da coleta de informações, a abordagem qualitativa é fundamental nesse tipo de pesquisa, pois tem o intuito de compreender, através da análise e interpretação do material escolhido, as diversas nuances explícitas ou implícitas nos artigos e/ou livros que compõem o *corpus* do estudo<sup>7</sup>. Nessa perspectiva, o trabalho apoia-se na ideia de classificação social, abordada por Quijano<sup>1</sup> e

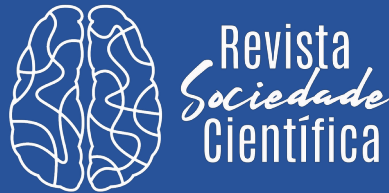


na teoria dos campos de Bourdieu<sup>3</sup> como base fundante para o desenvolvimento do texto.

### **3 A IDEIA DE CLASSES SOCIAIS E A TEORIA DOS CAMPOS COMO ELEMENTOS DE VALIDAÇÃO DO PODER**

A ideia de “classe” foi pensada e usada, inicialmente pelo naturalista sueco Linneo, o primeiro a cunhar o termo na sua famosa “classificação” botânica do século XVIII. O botânico, durante a grande expansão da história natural, descobriu que era possível classificar as coisas vivas em uma hierarquia, começando com os reinos, que se dividiriam em filos, depois em classes, ordens, famílias, etc. Pensado, em primeira ordem para hierarquizar/classificar as plantas, logo o conceito foi absorvido pelos historiadores franceses do século XVIII, que nas primeiras décadas do século XIX, começam a diferenciar “classes” de gentes na população europeia a partir de algumas das suas características empiricamente diferenciáveis, permitindo uma classificação dos seres humanos<sup>2</sup>.

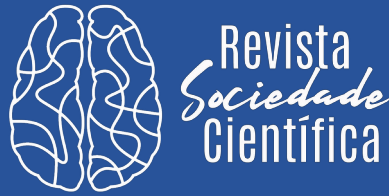
Nesta vertente, os que estudavam e debatiam a sociedade da Europa Centro-Nórdica no final do século XVIII e no início do século XIX aplicaram a mesma perspectiva às pessoas e verificaram que era possível “classificá-las” também a partir das suas características mais constantes e diferenciáveis (empiricamente, o seu lugar nos pares riqueza e pobreza, mando e obediência). Para esses historiadores, a fonte principal dessas diferenças estava no controle do trabalho e seus produtos e dos recursos da natureza empregues no trabalho. Segundo Quijano<sup>1</sup>, a teoria eurocêntrica sobre as classes sociais é distorcida porque considera apenas a experiência europeia e é reducionista no aspecto de considerar apenas as relações de produção (que remete ao trabalho) como o único dos meios de poder, enquanto as outras diferenças, vinculadas a diferenças de poder, principalmente de sexo e idade, nessa perspectiva são vistas como “naturais”, ou seja, fazem parte da classificação na “natureza” e não social.



Publicado em 07 de setembro de 2023  
REVISTA SOCIEDADE CIENTÍFICA, VOLUME 6, NÚMERO 1, ANO 2023

Ainda nessa perspectiva, a ideia de classes sociais elaboradas no pensamento eurocêntrico entre o fim do século XVIII e o fim do século XIX, quando a percepção da totalidade a partir da Europa, nessa altura o “centro” do mundo capitalista, já estava, definitivamente, organizada como uma dualidade histórica: a Europa (e neste caso sobretudo a Europa Central e Inglaterra) e a Não-Europa. E esta dualidade implicava, que muito de tudo o que era a Não-Europa, ainda que existisse no mesmo cenário temporal, na realidade correspondia ao passado de um tempo linear cujo ponto de chegada era a Europa. Ou seja, essas classes sociais são “pré-capitalistas” ou não existem. Na Não-Europa tinham sido impostas identidades “raciais” não-europeias ou “não-brancas”. Na Europa estavam em formação ou já estavam formadas as instituições “modernas” de autoridade: os “estados-nação modernos” e as suas respectivas “identidades”. Na Não-Europa só eram percebidas as tribos e as etnias, ou seja, o passado “pré-moderno”. A Europa é civilizada. A Não-Europa é primitiva. O sujeito racional é europeu. A Não-Europa é objeto de conhecimento. Como correspondente, a ciência que estudará os Europeus será chamada de “sociologia” e a que estudará os Não-Europeus será chamada *etnografia*<sup>1</sup>.

Compreende-se que, o que está realmente em jogo com a questão das classes sociais, é a questão do poder na sociedade. E o poder, nesta perspectiva, é uma malha de relações de exploração/dominação/conflito que se configuram entre as pessoas na disputa pelo controle do trabalho, da “natureza”, do sexo, da subjetividade e da autoridade. A distribuição de poder entre as pessoas de uma sociedade as classifica socialmente, determinando o nível de suas relações e gerando suas diferenças sociais. Quijano<sup>1</sup> pontua que, as relações de poder não são um gênero de nichos estruturais preexistentes pelos quais as pessoas são distribuídas e assumem estas ou aquelas características, e onde se comportam ou devem comportar-se harmonicamente. Mas, que o modo como as pessoas ocupam um lugar e um papel nessas instâncias centrais do poder é conflituoso e resultado de disputas.



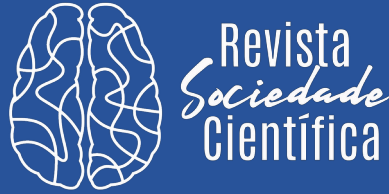
Publicado em 07 de setembro de 2023  
REVISTA SOCIEDADE CIENTÍFICA, VOLUME 6, NÚMERO 1, ANO 2023

Apreende-se, portanto, que a distribuição dos indivíduos nas relações de poder tem, conseqüentemente, o caráter de processos de classificação, desclassificação e reclassificação social, ou seja, a distinção que ocorre num padrão societal de poder de longa duração. Nessa vertente, a produção do sujeito coletivo se dá pelos processos de subjetivação social a partir do conflito/exploração/dominação sempre constituído por elementos heterogêneos e descontínuos e que, só se transformam numa unidade quando se organizam a partir de um eixo de interesses específicos e com necessidades concretas.

Nessa perspectiva, é importante pensar a política educacional como resultado de um processo de produção de um sujeito coletivo organizado em torno de um eixo de interesses específicos e de conseqüente luta pelo poder. Souza<sup>8</sup> salienta que é importante entender a origem e a ontologia de uma área do conhecimento, pois isso possibilita melhor compreensão dos seus desdobramentos, trajetórias e perspectivas. A política educacional é reconhecida como um campo de conhecimento em construção. Desse modo, compreende-se que não é possível apreender o significado de construção do campo sem a apreensão da lógica global de um determinado sistema de produção, isto porque a compreensão da criação/institucionalização do campo política educacional acontece a partir dos determinantes econômico, histórico, político e cultural<sup>9</sup>.

Nesse aspecto, cabe a ressalva de que os valores e perspectivas, enfim, o conteúdo intelectual das mentes de pessoas em todo o mundo é eurocêntrico, pois julgamentos do que é lógico, racional e relevante baseiam-se na visão unilateral, vertical, dominante e exclusiva do mundo ocidental aí posto como universal<sup>5</sup>. A ciência ocidental busca enfatizar apenas uma visão de mundo a partir dos seus valores, inculcando nos subalternizados que seu método é sempre o melhor e mais válido quando se trata de produzir e validar conhecimentos.

É nessa perspectiva de validação e poder da produção de conhecimento que Bourdieu<sup>4</sup> apresenta sua teoria dos campos. O autor defende que um campo é um



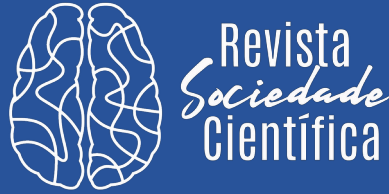
Publicado em 07 de setembro de 2023  
REVISTA SOCIEDADE CIENTÍFICA, VOLUME 6, NÚMERO 1, ANO 2023

complexo que faz parte de uma totalidade social, o que torna essencial o estudo da sua gênese, movimento e contradições. Ele é estruturado por múltiplas instituições, com agentes que ocupam posições internas, como professores, pesquisadores, editores de periódicos, etc., como também por agentes que ocupam posições externas, como, por exemplo, os que assumem funções representativas dentro do Estado. Segundo Stremel<sup>10</sup>, para que um campo seja legitimado e tenha sustentação, é necessário que agentes, instituições, ideias e interesses estejam especificados e que se estabeleçam relações entre o objeto de estudo e o contexto histórico-político do próprio campo, bem como o dos outros campos do conhecimento.

Dessa forma, ao abordar a produção do conhecimento em Financiamento da Educação como temática emergente dentro do campo em construção da Política Educacional, é importante aludir, mesmo que brevemente, sobre a constituição do referido campo. Stremel<sup>10, p.25</sup> aponta a teoria de Bourdieu<sup>4</sup> como referência de muitos pesquisadores, na área da educação, para a fundamentação teórica-metodológica, inclusive para alguns que “têm se dedicado a compreender especificamente aspectos relacionados à política educacional”.

Na teoria do sociólogo Pierre Bourdieu<sup>4, p.20</sup>, a noção de campo científico pode ser entendida como “[...] o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência, [...] mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas”. Assim, o campo científico é o espaço de jogo de uma luta concorrencial pelo monopólio da autoridade e competência científica socialmente outorgadas a um agente determinado.

Dizer que o campo é um lugar de lutas é dizer que “o próprio funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse [e que] as práticas científicas não aparecem como desinteressadas senão quando referidas a interesses diferentes, produzidos e exigidos por outros campos”<sup>3, p.2</sup>. Apreende-se, aqui, que as práticas científicas são permeadas tanto por interesses ideológicos,



Publicado em 07 de setembro de 2023  
REVISTA SOCIEDADE CIENTÍFICA, VOLUME 6, NÚMERO 1, ANO 2023

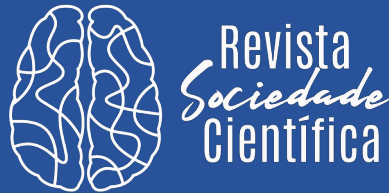
como por interesses voltados para aquisição de autoridade científica, tais como prestígio, reconhecimento, poder, revelando a dupla face do aparente interesse por uma atividade científica e as estratégias usadas para assegurar a satisfação desse interesse.

Para o sociólogo, o campo científico só pode constituir-se com a condição de uma análise interna, no campo epistemológico, o que restituiria a lógica segundo a qual a ciência gera seus próprios problemas, e uma análise externa que relacionaria esses dilemas às condições sociais do aparecimento do campo.

O campo científico, enquanto lugar de luta política pela dominação científica, que designa a cada pesquisador, em função da posição que ele ocupa, seus problemas, indissociavelmente políticos e científicos, e seus métodos, estratégias científicas que, pelo fato de se definirem expressa ou objetivamente pela referência ao sistema de posições políticas e científicas constitutivas do campo científico, são ao mesmo tempo estratégias políticas. Não há "escolha" científica – do campo da pesquisa, dos métodos empregados, do lugar de publicação; ou, ainda, escolha entre uma publicação imediata de resultados parcialmente verificados e uma publicação tardia de resultados plenamente controlados – que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes<sup>3, p.5</sup>.

A luta pela legitimação do campo científico, segundo Bourdieu<sup>3</sup>, não depende somente dos fatores externos a ele, mas também da estrutura que se forja no interior de cada campo. Neste aspecto, se for considerada a abundância de publicações na área, os núcleos/grupos de pesquisa sobre o tema registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), além dos grupos de trabalho consolidados nas instituições científicas reconhecidas em âmbito nacional e internacional, como a Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE) e Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação





Publicado em 07 de setembro de 2023  
REVISTA SOCIEDADE CIENTÍFICA, VOLUME 6, NÚMERO 1, ANO 2023

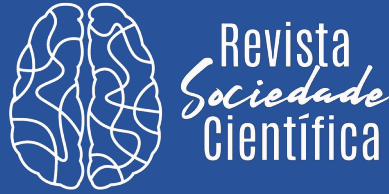
(ANPED), apreende-se a política educacional como um campo que já possui legitimação no ambiente acadêmico.

Bourdieu<sup>3, p.7</sup> ainda esclarece que todos os campos possuem os dominantes, que “são aqueles que conseguem impor uma definição da ciência segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem”, e cujas posições decorrem do reconhecimento do montante de capital específico do qual são detentores. Quanto aos dominados, são os que precisam ter reconhecida a importância do seu capital e suas potencialidades dentro do campo. Ou seja, nesse processo de legitimação, há ritos e práticas pelos quais passam os pesquisadores no intuito de mostrar a importância e/ou interesse de suas pesquisas para o campo no qual estão inseridos, como também para os pares-concorrentes da ordem científica estabelecida.

Dessa forma, pensar sobre o fazer científico e compreender a lógica interna do campo explicita os interesses políticos e sociais, extrínsecos e intrínsecos dos envolvidos nessa relação. Pesquisar, além de ser interessante ao próprio pesquisador e sua área acadêmica, é relevante para a comunidade científica, por isto os pares-concorrentes avaliam se uma questão-problema é cientificamente relevante e viável.

As características assumidas na luta científica e política por sua legitimidade dependem da estrutura do campo e da distribuição do capital específico de reconhecimento científico entre os participantes na luta (dominantes e dominados). O sociólogo esclarece que o campo científico é sempre o lugar de uma luta desigual, uma vez que

Em todo campo se põem, com *forças mais ou menos desiguais* segundo a estrutura da distribuição do capital no campo (grau de homogeneidade), os dominantes, ocupando as posições mais altas na estrutura de distribuição de capital científico, e os dominados, isto é, os novatos, que possuem um capital científico tanto mais importante quanto maior a importância dos recursos científicos acumulados no campo<sup>3, p.16</sup>.



Publicado em 07 de setembro de 2023  
REVISTA SOCIEDADE CIENTÍFICA, VOLUME 6, NÚMERO 1, ANO 2023

Apreende-se do excerto bourdieusiano que, à medida que os recursos científicos se acumulam, eleva-se o grau de homogeneidade entre os concorrentes, distinguindo a concorrência científica, em sua forma e intensidade, daquela observada em outros campos onde os “recursos acumulados são menos importantes e o grau de heterogeneidade mais elevado”<sup>3, p.16</sup>. Na luta que os opõem, dominantes e novatos valem-se de estratégias que dependem, estreitamente, de sua posição no campo ou do poder do seu capital científico sobre a produção e circulação científicas, assim como sobre os lucros produzidos pelo campo.

Nesse viés, Bourdieu<sup>3</sup> afirma que os dominantes buscam manter as estratégias de conservação, assegurando a eternização da ordem científica da qual são signatários. Essa ordem compreende a ciência oficial no estado objetivado (instrumentos, obras, instituições) e no estado incorporado (*habitus* científico) e em mais um conjunto de instituições (sistemas de ensino, academias, prêmios, revistas, etc.) encarregadas de garantir a produção e circulação desse produto final, objetivando “assegurar à ciência oficial a permanência e a consagração, inculcando sistematicamente *habitus* científicos ao conjunto dos destinatários legítimos da ação pedagógica, em particular a todos os novatos do campo da produção”<sup>3, p.17</sup>. Os novatos, o sociólogo pontua que, ao se rebelarem contra as carreiras traçadas pelos dominantes, só poderão vencê-los em seu próprio jogo, ou seja, se empenharem um suplemento de investimentos propriamente científicos sem esperar lucros importantes a curto prazo, uma vez que toda a lógica do sistema está contra eles.

Importante salientar que a produção do conhecimento precisa considerar ir além do que está posto, pois as questões relacionadas a aceitabilidade e respeito do que se produz, na maioria dos casos “estão diretamente relacionados a questões de poder e privilégios econômicos”<sup>5, p.3</sup>. Contudo, assim como em outros campos específicos, no campo científico, ocorrem movimentos de revolução, até porque, conforme Bourdieu<sup>3</sup>, os interesses que estão em jogo no campo científico, são tanto científicos quanto políticos e as pessoas nele engajadas têm interesses em comum, muitas vezes



Publicado em 07 de setembro de 2023  
REVISTA SOCIEDADE CIENTÍFICA, VOLUME 6, NÚMERO 1, ANO 2023

fundamentais à própria existência do campo. Além disso, o campo científico possui uma ordem social que serve aos interesses tanto dos que estão dentro dele como dos que não estão.

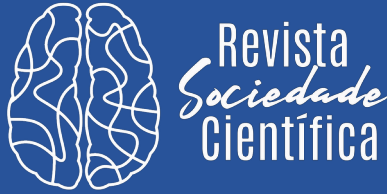
Desse modo, o pesquisador não é passivo ou subordinado ao campo, mas é perfeitamente capaz de criar estratégias de atuação orientadas pelo *habitus*, que são disposições adquiridas ou postas na mente/corpo no processo de inserção nesse campo, melhorando sua percepção a respeito dos novos objetos de estudo, favorecendo a posição e legitimação desse agente no jogo e maximizando a busca pelo capital simbólico que lhe permite essa permanência.

Nessa vertente, Boakari<sup>5, p.4</sup> adverte sobre a urgência de descolonizar a mente. Compreende-se que não é um processo fácil, porém se faz necessário “esforços consistentes e criticamente conscientes para libertar o pensamento” desse viés escravo ao paradigma científico ocidental quando, sem nenhum questionamento, são usados apenas referenciais ocidentais como única alternativa válida para se produzir conhecimento. É importante o esforço em buscar uma explicação mais holística e integradora nas produções, pois a linguagem desempenha um papel fundamental nesse processo de dominação/libertação, próprias ou análogas, livres para publicação.

#### 4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante dos autores expostos aqui buscou-se uma reflexão sobre a colonialidade do poder a partir das classificações sociais postas por Quijano<sup>1</sup> e os espaços de poder elencados na teoria dos campos de Pierre Bourdieu<sup>3</sup>. Na construção do texto perceberam-se como as posições de poder derivadas da subalternização imposta pela cultura eurocêntrica é dominante na produção do conhecimento<sup>5</sup>.

As leituras apontam que a mentalidade eurocêntrica não é monopólio dos europeus ou dos que estão no topo da cadeia de poder, mas que também é resultante da naturalização cognitiva imposta nas relações de poder dos que são educados sob essa hegemonia, tirando-lhes o arbítrio de questionar por considerar natural essa posição



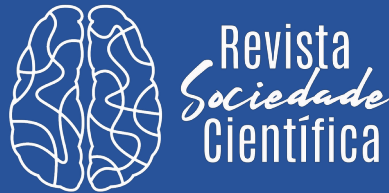
Publicado em 07 de setembro de 2023  
REVISTA SOCIEDADE CIENTÍFICA, VOLUME 6, NÚMERO 1, ANO 2023

determinada por classes superiores que solidificam esses conceitos de quem são os inferiores e os superiores, os racionais e os irracionais. Esses alicerces de dominação, coincidentemente tão bem elaborados pelas classes dominantes, agem como ferramentas de justificação racional das estruturas de poder, negando a validade de outras formas de conhecimento.

Nessa perspectiva, compreende-se a necessidade de reflexão sobre os espaços de luta postos pelos dominados em oposição aos dominantes em função das estruturas de poder e da própria distribuição do capital econômico e social dos que já estão postos, cientificamente, no controle da produção do conhecimento. Importante salientar que essas estruturas de dominação vão além dos limites físicos e econômicos, penetrando campos como a cultura e o pensamento. É vital caminhar na tentativa de libertação e descolonização das sociedades latino-americanas, em múltiplos aspectos, inclusive na produção do conhecimento nas várias áreas, criando oportunidades para uso de autores locais, valorizando o que é produzido na realidade vivenciada.

## 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez 2010, p. 84-130.
- 2 QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas*. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.
- 3 BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983, Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 39, p. 122-155.
- 4 BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência – por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.



Publicado em 07 de setembro de 2023  
REVISTA SOCIEDADE CIENTÍFICA, VOLUME 6, NÚMERO 1, ANO 2023

- 5 BOAKARI, Francis Musa. Eurocentric rationality: a model deservingly crying for burial? *Entrelugares: Revista de sociopoética e abordagens afins.* (UFC). v. 3, no. 1, set.2010/fev.2011. Disponível em:  
<http://www.entrelugares.ufc.br/artigo/numero5/artigos/boakari.pdf> Acesso em: 02/06/2016.
- 6 GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- 7 RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- 8 SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 16, p.20-45, jul./dez. 2006. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/soc/a/6YsWyBWZSdFgfSqDVQhc4jm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2020.
- 9 MASSON, Gisele. As contribuições do método materialista histórico e dialético para a pesquisa sobre Políticas Educacionais. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 9. 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Anped Sul, 2012. p. 1-13.
- 10 STREMEL, Silvana. **A constituição do campo acadêmico da política educacional no Brasil.** 2016. 316f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, 2016.